Ano III — Guimarães, 8 de Agôsto de 1918 — Número 144

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — *Custódio dos Santos Lima Guimarães*

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampilha	1$20
Semestre, idem	$60
Ano, com estampilha	1$50
Semestre, idem	$75
Africa e Brasil, por ano (moeda forte)	2$25
Número avulso	$05

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	$06
Repetição dos mesmos	$02

Anuncios permanentes, contracto especial.
As obras literarias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.

Só quem fôr monárquico é que é católico?

Publicou recentemente o Sr. Bispo do Algarve, D. António Barbosa Leão, um opusculo — «União católica e Centro católico português», a que a imprensa tem chamado um *documento decisivo*.

E de facto no-lo parece.

O opusculo do sr. Bispo do Algarve, tendente a definir a atitude da Igreja perante os monárquicos, está muito bem pensado e muito bem escrito. Póde divergir-se num ou outro ponto da sua doutrina, mas não póde negar-se que, sob o ponto de vista em que o ilustre Prelado tinha de examinar a questão, a sua atitude é lógica e sempre elevada. O Sr. Bispo do Algarve tocou positivamente num ponto essencialissimo, que é o que se refere á identificação absoluta dos princípios religiosos com as ideias monárquicas, — identificação que o decidido Prelado de maneira nenhuma reputa forçosa. Êle o diz: «Aos monárquicos convem muito esta confusão: o monárquico é católico; o católico é monárquico.» E acrescenta: «Mas não é assim. Nada obsta a que um republicano seja até um bom católico. Apareça um republicano que aceite e pratique escrupulosamente a doutrina da Igreja Católica e eu chamo-lhe um bom católico. Apareça um monárquico que negue ou despreze certas verdades da fé, que não observe as leis da Igreja ou talvês as escarneça, e eu chamo-lhe um mau católico, talvês um escomungado, conforme as circumstâncias.»

Era preciso, com efeito, acabar com esta confusão. Há muitos republicanos que não teem ideias religiosas, mas também há muitos monárquicos que igualmente as não possuem.

O autor do folheto diz mais adiante: «Falta Deus na sociedade portuguesa» e declara que fala com essa rude franquêsa porque há algumas dezenas de anos «os representantes dos altos podêres do Estado teem mostrado envergonhar-se até de invocar o nome de Deus. Há algumas dezenas de anos quere dizer que já no tempo da realêsa assim sucedia.» E é verdade.

Na monarquia portuguesa dos últimos tempos, patenteava-se, sobretudo nas esféras políticas do regime, um verdadeiro desprezo pelas coisas da religião. Era uma monarquia liberal? Sem dúvida, mas já na própria Monarquia absolutá de Luís XV e Luís XVI, a aristocracia mesmo se mostrava francamente incrédula, tomando da maneira mais inilndivel um caracter voltaireano. Se isto é em relação aos individuos ou ás classes, mais importante se deve considerar a questão das relações com o Estado. E' isso que a política de Leão XIII penetrantemente reconheceu.

«A Igreja não é feudo de um partido ou de uma fórma de govêrno», diz o Sr. Bispo do Algarve. Assim é, e assim deve ser. O Estado, todo o Estado que nas nórmas da democracia se inspire, não póde senão ser neutral em matéria religiosa, mas ser neutral não é ser hostil. Porque não hade pois a Igreja viver em paz com a República? Porque não ha-de ela mesmo conquistar, dentro da República, aquilo que fôr reconhecido justo e que não vá contra os princípios da democracia nem ameace a segurança da República? A separação da Igreja e do Estado que, nas Repúblicas, se tem realizado, porque é uma consequencia lógica dos seus princípios, não representa hostilidade contra a Igreja. Essa separação póde mesmo libertá-la e dignificá-la. O Sr. Bispo do Algarve não duvida acentuar que a Igreja em Portugal tenha estado, durante a Monarquia, acorrentada ao Estado.

*

Os monárquicos dizem aos católicos: *Esperem pela Monarquia.* Para quê? Lê-se no folheto do Sr. Bispo: «Se assim é, vão a Roma e digam ao Soberano Pontifice que se desinteresse da França, da Suiça, das novas Repúblicas da Russia, das cristandades florescentissimas da America e de todo o mundo onde se não gosam as delicias da Monarquia».

E' cérto que as cristandades podem ser florescentissimas em todas as democracias, bastando para isso que se não lancem no caminho do reacionarismo, procurando exercer influências perniciosas sôbre o próprio Estado. Numa República, onde o Estado se declare neutral em matéria religiosa, a religião póde desenvolver-se e prosperar sem que ninguem a vá atacar na sua esféra espiritual. O mesmo se não póde dizer duma Monarquia, escorada numa religião oficial do Estado. Aí é que as religiões proscritas teem sofrido os mais crueis vexames, as mais duras e horriveis perseguições. As democracias são o terreno amplo e desafrontado onde todas as crenças religiosas podem desenvolver-se, sem perigo de terriveis ostracismos, ao sol bendito da liberdade.

Não convem aos monárquicos que os católicos reconheçam estas verdades, que tantas vezes teem sido prégadas pelos apóstolos da Democracia. Mas agora é um Bispo que o proclama.

E' uma autoridade insuspeita aos olhos dos católicos. E' um dos seus dirigentes, dos seus guias espirituais. E para que o proclama? Para acabar com uma confusão, em que se reconhece uma das mais audazes especulações políticas.

A todos os nossos presados assinentes, que nesta época do ano costumam ausentar-se temporariamente para as termas, praias e campos, pedimos o obséquio de nos indicarem, verbalmente ou por escrito, a sua nova direcção.

O «Vimaranense» ser-lhes-há remetido com toda a regularidade.

Dez vezes mais

Como quer que a *Situação*, orgão do govêrno, dissésse que no País há dez vezes mais sidonistas que realistas, acode o *Dia* a retorquir-lhe: — *Que pena a* Situação *não ter escrito isto antes de 28 d'abril e só agora, em 2 d'agosto, ter feito a espantosa descoberta de que no país ha dez vezes mais sidonistas que monárquicos!*

Ao certo nós não sabemos quantos sidonistas e quantos monarquicos haverá no País; mas sabemos que mal existia, para o País, o sr. Sidónio Pais antes do cinco de Dezembro, e que já o rei D. Carlos se queixava de ser rei numa monarquia sem monárquicos.

A brotoêja sidonista passou, e ainda bem, e para que ela passasse bastou que os factos fossem decorrendo com a normalidade... de todas as anormalidades estabelecidas.

Quanto á legião monárquica...

Viu-se no que deram as tentativas de restauração, ainda mal estabelecida a República, e sabe-se que os monárquicos se contiveram no mais rigoroso abstencionismo político enquanto não tiveram directa influência no Poder, trocando favores.

Vivas subversivos

Não se dispensa o sr. Sidónio Pais, sempre que a ocasião se lhe oferece, e ainda mal convencido de que è Chefe do Estado, de dar vivas à República Nova.

Êstes vivas constituem manifestamente uma provocação a todos os republicanos que não acompanham o sr. Sidónio Pais, e que estiveram á espera, de que a República fosse uma mesa posta, para entrarem na actividade política, sacrificando tudo aos seus ideais.

Quem provoca, embora o faça das mais altas regiões governativas, deve esperar resposta á sua provocação, e o menos que se póde fazer, em resposta a um viva á República Nova, è erguer um viva á República Velha.

Todos os dias os jornais dão noticia de ter sido preso alguem por dar vivas á República Velha; mas os velhos republicanos é que não podem ouvír a provocação que lhes façam nos vivas á República Nova, ficando silenciosos.

Dê o bom exemplo quem o deve dar, ou então que cada qual jogue com os trunfos que tiver na mão.

Um Parlamento que abre tarde e fecha muito cêdo... com lacúnas imperdoáveis

O Parlamento, eleito em 28 de Abril, abriu-se há pouco mais de 15 dias e fechou ontem, segundo lêmos, dando se férias de 3 meses.

Assembleia legislativa com poderes constituintes, adia por largo prazo os seus trabalhos sem ser revista a Constituição, isto é, sem que o País tenha um Estatuto jurídico.

Até que o Congresso torne a reunir, em Novembro, a lei fundamental do país será a vontade arbitrária de quem governa e as leis ordinárias serão o que determinarem as circunstâncias. E' o poder legislativo a abdicar no Poder Executivo.

*

Fez-se larga campanha contra a moralidade administrativa da chamada República Velha; o própoio Chefe do Estado se fez o porta-estandarte dessa campanha, gritando por toda a parte as ladroeiras governativas, no periodo anterior á sua ascensão olímpica. De tais acusações nunca se fez prova. E quando seria necessário que elas se demonstrassem no Parlamento para as sanções de toda a ordem, o Parlamento fecha, *sem que a êsse respeito se dissesse uma palavra.*

*

O Estado comprou, como se fossem ouro, bocados de papel, que andavam por aí sem valor porque não davam rendimento; dispendeu nessa compra para cima de três mil contos e verifica-se, afinal, por um inquérito que nessa operação alguma coisa houve de menos regular, a ponto de ser necessário que tome conta a Justiça. Pois o Parlamento fecha, sem que nele se tivesse dito uma palavra a êste respeito, nem sequer considerando os srs. Congressistas que um tal silencio equivale a uma cumplicidade.

*

Sofremos um grande revés nos campos de batalha em França, tão grande que logo perdemos a situação que tinhamos guarnecendo um sector da frente, sendo arredados para a base, — facto que é grave e poderá ter para o País as mais desastrosas consequencias.

Pois o Parlamento fecha, sem que aí se tenha definido, com o necessário rigor, a nossa situação de comparticipantes na guerra europeia, sem que se tenha dito ao País quais novos sacrificios lhe vão ser exigidos.

*

Foi decretado o orçamento geral do Estado, audácia que nunca tiveram os Govêrnos da Monarquia, e o Parlamento desta República Nova fecha sem reivindicar para si, unicamente para si, o direito de lançar impostos.

Nunca um Parlamento abdicou tão completamente como êsse que aí está, Parlamento que nem sequer se mostra cioso do que é a razão fundamental da sua existencia, Parlamento que não legisla nem fiscaliza, é pura chancela do Poder Executivo!!...

Caixa postal de Urgezes

... *Sr. Redactor:*

No n.º 111 do *Vimaranense* alguem verberou há tempos o procedimento do encarregado da caixa-postal de Urgezes por causa de uma carta e doutras cousas mais graves, que o sr. director do correio devia tomar em consideração, mas que não tomou, provavelmente porque é juís de *Nossa Senhora do não te rales*. Para vêr se ainda hoje está na mesma disposição, vamos-lhe anunciar agora um facto mais grave ainda e que talvês dê razão ás acusações que pesam sôbre o encarregado da caixa de Urgezes.

Uma senhora de Guimarães, ha cousa de um mês e tal, escreveu para Urgezes uma carta a um sr. Francisco Ferreira Guimarães, carta que deu entrada na caixa de Urgezes. No dia seguinte, o empregado do correio, sr. Francisco Carvalho, mandou dizer para Urgezes que devolvessem a carta no caso que *ainda não estivesse entregue*. A isto respondeu o encarregado da casa que a carta já tinha sido dada ao destinatário.

Em vista disso, tratou alguem de saber quem era e onde morava o destinatário, procurando informes com o sr. pároco da freguezia e com o regedor. Esses não souberam dizer quem era nem onde morava o tal destinatário da carta que o encarregado da caixa de Urgezes deu como vivo e como tendo-a recebido.

Aqui há *gato:* porque de Cóvas a S. Roque e de S. Roque ao Cavalinho, não há quem conheça o destinatário da carta, Francisco Ferreira Guimarães. Será êste nome um pseudónimo do encarregado da caixa de Urgezes e que só êle o sabe? Não nos parece, porque a carta não era de amor e sabe-se do assunto que tratava, e ainda, por um acaso extraordinário, conhecemos o cavalheiro para quem era a carta mas não tem *Ferreira* no nome.

O sr. chefe da estação-postal de Guimarães, que, por dever de ofício, naturalmente deseja vêr tudo esclarecido, vai-nos fazer o favor de pedir para Urgezes que lhe diga o encarregado da caixa a quem é que entregou a carta dirigida para Francisco Ferreira Guimarães.

O gato está-se a vêr com a linda cauda ao sol e a brincar com a carta sonegada.

Nós crêmos que o sr. director postal de Guimarães tem perspicácia bastante para o vêr tambêm, mas, se assim não acontecer, daremos a palavra ao sr. director geral dos serviços postais de Braga, o qual verá talvês não um, mas muitos *gatos*, relendo com atenção o *Vimaranense* de 13 de Dezembro do ano findo.

Não se publica já o nome da senhora que escreveu a carta e do cavalheiro a quem era dirigida, por motivos de fácil compreensão, mas não pômos dúvida em o fazer logo que queiram apurar o facto.

De V... etc.

João Verdades.

BANCO DE SEGUROS

Acaba de constituir-se em Lisboa, na rua Garrett, 74, 2.º, uma Companhia com o capital de três mil contos, cuja representação em Guimarães foi confiada ao acreditado negociante da rua de S. Damazo, sr. José Joaquim Vieira de Castro.

A poderosa Companhia, que pôi de parte os moldes velhos, assenta em planos novos e novas ideias, levando a sua acção a ramos não explorados ainda. Assim, ás classes pobres, cuja imprevidência, até hoje, ninguêm soube modificar, garante-lhes, com dispendios mínimos, os meios de vida na doença, na velhice inválida, nos desastres, nas faltas de trabalho por cessação ou paralisação provisória de indústrias e de comércio, etc., etc.

Se deixarmos de falar nos milhares e milhares de proletarios das cidades, ainda fóra, quási na sua totalidade, de todas as emprezas de previdência, o que podemos dizer afoitamente é que entre os trabalhadores do campo, entre a legião imensa dos proletários rurais, nenhum seguro se tentou ainda; e êste campo oferece-se vasto, enorme, a quem nêle queira trabalhar em matéria de seguros, fazendo vêr ao povo dos campos a vantagem que teem de se precaver contra os diversos acidentes da vida.

Há um seguro, por exemplo, interessantissimo: é o seguro dotal, que garante a todas as mulheres, na sua mocidade, o dote de noivas, de modo que todas possam fazer face á montagem do seu lar e ao início da sua nova existência.

Identico seguro se estabelece ao pequeno caixeiro, ao modesto empregado do comércio ou da indústria, dando-lhe a certeza de receber, em determinada altura, um capital que lhe garanta o estabelecer-se por conta própria, aproveitando assim a prática obtida nos seus longos anos de assalariado e dando lhe assim um futuro mais tranquilo.

Enfim: o campo de previdência social, em que esta Companhia se propôi atuar, é vastissimo. Além de todos os ramos de seguros já existentes e já explorados por outras companhias, os quais se procurarão aperfeiçoar, muitos outros seguros se hão de estabelecer, de fórma a revolucionar por completo o meio segurador nacional.

O capital desta Companhia não se limitará a figurar em depósitos bancários. Todo aquêle que se encontrar disponivel será empregado em beneficiar os acionistas ou segurados que pretendam desenvolver as suas culturas agricolas ou os seus negócios comerciais ou industriais, em empréstimos sôbre bases inteiramente novas.

Uma Companhia assim, não póde deixar de ter um futuro brilhantissimo.

Feiras francas de S. Gualter

Decorreram com bastante animação as feiras francas de S. Gualter, ultimamente realizadas nesta cidade. As transacções foram bastantes, a despeito do preço elevadissimo do gado, tendo a Comissão de Remonta do Exército adquirido também alguns solípedes.

Dêntre os vários números do programa, aquele que atraiu maior concorrência de pessôas ao Largo do Brasil foi o arraial de domingo. Ali executaram as suas melhores peças, até ás 3 horas de segunda-feiras, as duas filarmónicas da terra. E' de justiça dizer-se, porém, que a «Boa União», há pouco reforçada com elémentos de subido valor e dirigida por um artista habilissimo, agradou extremamente.

Missas em acção de graças

Foi bastante concorrida a missa, celebrada no último domingo, na igreja de S. Dámazo, pelo regresso da Franca do nosso conterrâneo sr. João António da Silva Guimarães, sargento-miliciano de infantaria 20.

*

A Meza de S. Sebastião de S. Dámazo também mandou celebrar naquele templo, pelas 10 horas de segunda-feira, o santo sacrifício em acção de graças pelo regresso do Brasil do seu muito digno juís, o sr. José António Fernandes Guimarães, nosso ilustre amigo e um dos vimaranenses que mais se teem evidenciado pela sua benemerência.

A banda «Boa União» executou no córo, durante a celebração dos dois piedosos actos, excelentes trechos musicais.

Hospital da Misericordia

Nota do movimento de doentes no mês de Julho:

Doentes existentes no dia 30 de Junho: 48 homens e 66 mulheres; total, 114.

Entrados durante o mês: 90 homens e 111 mulheres; total, 201.

Saídos curados: 42 homens e 70 mulheres; total, 112.

Saídos melhorados: 27 homens e 18 mulheres; total, 45.

Saídos no mesmo estado: 15 homens e 4 mulheres; total, 19.

Falecidos: 6 homens e 9 mulheres; total, 15.

Existentes no fim do mês: 48 homens e 76 mulheres; total, 124.

Consultas no banco: 78 homens e 131 mulheres; total, 209.

Curativos: 405 homens e 255 mulheres; total, 660.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis, 266.

Orfeão Vimaranense

Segue no comboio das 7-40 de domingo para Viana do Castelo, aquele excelente grupo coral.

O Orfeão Vimaranense, que tantos aplausos obtem sempre nas terras que visita, levará a efeito, no teatro da encantadora Princeza do Lima, um primoroso sarau-concerto, cujo programa é como segue:

I

«Tirolêsa dos Pirinéus»—*A. Rolland*
«Giuramento»—*A. Frondoni*
«Varina de Ovar»—*C. Calderon*
«Devaneio»—*A. Ventura*
«Hernani», da Opera—*G. Verdi.*

II

«O velho aisaciano», poesia— *F. Guim.º*
«Passeio de St.º Ant.º»,poesia—*J. Roriz.*

*

«Marche indienne», «Sérénade» e «Anilo de Hierro»—pelos orfeonistas A. Sequeira, bandolim; G. Rodrigues e J. Roriz, guitarras; A. Rente, viola.

III

«O Tio Pedro», episódio trágico em 1 acto», de Marcelino Mesquita, desempenhado por F. Guimarães, J. Roriz, A. Meireles e A. Martins.

IV

«Rataplan»—*G. Donizetti*
«Magnificat», coral—*Bach*
«As chinelinhas do Minho»—*M. Santos*
«Morêna»—*João Arroio*
«Rapsódia n.º 2—*Maia Santos.*

FESTIVIDADE

Realizou-se no domingo, no templo de S. Francisco, a festividade anual em honra de S. Gualter. Constou de missa cantada a instrumental, tendo feito o panegirico do Santo, numa prática formosissima, o digno comissário da V. O. T. Seráfica, rev. padre Gaspar Roriz, ilustre orador sagrado.

Pouco depois de começar a missa, procedeu-se, num dos claustros anexos ao templo, á distribuição de borôas de pão a grande número de indigentes.

Correio das salas

Partiu para a Póvoa de Varzim, acompanhada por seus estremecidos filhos, a ex.ma esposa do sr. dr. Eduardo de Almeida Júnior.

*

Esteve aqui na segunda feita, acompanhado por sua afectuosa esposa, o nosso amigo sr. Jesualdo Vieira de Andrade, hábil empregado superior da Fábrica de Negrelos.

*

Também esteve em Guimarães o nosso conterrâneo e amigo sr. Alvaro Neves de Castro, activo empregado no comércio do Pôrto.

*

Está em Vizela o sr. Victorino Simões Lopes Sampaio, proprietário na freguezia de Tagilde e considerado industrial na cidade do Pôrto.

*

Esteve nesta cidade, no domingo passado, regressando ao Pôrto na segunda-feira, o nosso ilustre patricio sr. major Alberto Cardoso de Menezes (Margaride), alto comissário do Govêrno na cidade invicta.

*

Encontra-se bastante doente a ex.ma esposa do conceituado negociante sr. José Pinto Teixeira de Abreu. Desejamos o restabelecimento da respeitavel senhora.

AUTOMÓVEL

Vende-se um Minerva Laudalet em magnífico estado de conservação.

Falar com o solicitador Pimenta.

Estudante distinto

Concluiu o 5.º ano do Liceu, obtendo a classificação de «distinto», o sr. José Rodrigues, filho do digno contador dêste juizo sr. Guilhermino Alberto Rodrigues.

Ao laureado académico e a seus pais enviamos felicitações.

NECROLOGIA

Faleceu em Vizela, onde se encontrava há tempo, o sr. José Correia de Matos, considerado capitalista vimaranense, sogro do sr. alferes José Cardoso Júnior.

O cadaver foi transportado para esta cidade, celebrando-se os ofícios do corpo presente, na manhã de segunda-feira, no templo dos Santos Passos.

Sentidos pezames à enlutada familia.

*

Também sucumbiu na Foz do Douro, em idade avançada, o sr. Manuel José Pires Balaia, que durante alguns anos residiu na rua de Francisco Agra, desta didade.

A seu filho, o sr. tenente Adolfo Varjão Pires Balaia, e á restante familia dorida, enviamos condolências.

AVA
ANTIGA GUARDASOLRIA
CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!

154, R. Republica, 160-Guimarães

ANÚNCIO
Éditos de 30 dias

No Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão do 3º oficio, abaixo assinado, correm seus devidos termos uma acção de divórcio em que foi autora Aurora d'Assumção, casada, domestica, do largo da Oliveira, desta cidade e reu seu marido José de Afonseca, o «Barrimenta», auzente em parte incerta.

E nesse mesmo processo correm Editos de 30 dias, que principiarão a contar-se depois da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando o mesmo José de Afonseca, o «Barrimenta» para no praso de dez dias, passados que sejam os êditos, pagar a quantia de 92$42,1 de custas contadas e em dividã a este Juizo, ou nomear bens à penhora sob pena de ser devolvido o direito de nomeação ao M.mo Dr. Delegado e de a execução proseguir nos termos regulares até final pela quantia exequenda e custas que acrescerem.

Guimarães, 5 de Julho de 1918.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Santos.

O escrivão ajudante,
Antonio Peréira.

BANCO DE SEGUROS

Capital: Três mil contos

REPRESENTANTE EM GUIMARÃES

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

VENDEM-SE ACÇÕES A CINCO ESCUDOS

"ATLANTICA,,
Companhia de Seguros
SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social....	Esc.	500.000$00
» realizado.	»	50.000$00
Fundo de reserva	»	150.000$00

SÉDE: LOYOS, 92—PORTO

Receita de 1914....	Esc.	36.988$03,5
» » 1915....	»	71.197$29,3
» » 1916....	»	537.897$94,6
» » 1916....	»	3.139:404$23
Sinistros pagos em 1914	E.	22.601$41
» » » 1915	»	25.903$15
» » » 1916	»	153.470$90,5
» » » 1917	»	1.427:035$74

AGENCIAS EM FRANÇA, INGLATERRA, NORUEGA, SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo.—Seguros contra fogo e roubo.—Seguros contra grêves e tumultos.— Seguros agricolas. Seguros contra quebra de cristais.— Seguros de guerra. Seguros maritimos e postais.— Seguros contra inundações e enxurradas.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa
Directores

Agentes em todas as terras do país

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES

Passeio da Independencia, 102 a 105

Banco Popular Portuguez

Representante em Guimarães

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

RUA DE S. DAMAZO—17

Realiza toda a espécie de operações bancárias. Excepcional intermediário para boa e vantajosa aplicação de capitais.

Acceita depósitos á ordem em concorrência com as caixas económicas.